

#cm
2
QUARTA-FEIRA

A magia de *Wicked* chega ao Rio

Em **entrevistas ao Correio da Manhã**, elenco e direção explicam por que o musical, **que estreia na Cidade das Artes Bibi Ferreira**, continua **transformando quem o assiste**. Página 2

DEBORAH GAMA E RAFAEL LIMA

Poucos espetáculos conseguem atravessar décadas mantendo a mesma força. Menos ainda conseguem ganhar novos significados conforme o mundo muda. É justamente essa capacidade que acompanha “Wicked” desde sua estreia internacional e que agora desembarca, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, depois de três temporadas de sucesso em São Paulo e de reunir mais de um milhão de espectadores no Brasil. A produção estreia nesta quarta-feira, 15, na Cidade das Artes Bibi Ferreira, na Barra da Tijuca, trazendo ao palco uma história que ultrapassa a fantasia de Oz para discutir amizade, preconceito, poder, identidade e a coragem de fazer escolhas.

Inspirado no romance de Gregory Maguire, o espetáculo revisita o universo criado por L. Frank Baum para contar o que aconteceu antes da chegada de Dorothy a Oz. No centro da narrativa estão Elphaba e Glinda, duas jovens completamente diferentes que constroem uma amizade improvável enquanto descobrem que o mundo costuma ser muito mais complexo do que as versões oficiais da história.

Mas se o cenário é fantástico, o impacto é profundamente humano. Essa é a percepção compartilhada por quem vive diariamente o espetáculo.

Para Myra Ruiz, que interpreta Elphaba desde a primeira montagem brasileira, a principal herança de “Wicked” vai muito além dos palcos. A atriz afirma que aprendeu que sustentar aquilo em que se acredita tem consequências, mas também representa o único caminho possível para permanecer fiel a si mesma. “A gente acredita no que acredita e vai atrás disso. Isso oferece consequências, oferece um preço, mas é preciso ter força. Wicked me inspira a bancar quem eu sou e as ideias que eu tenho sobre a vida e sobre o mundo”, afirmou ao Correio da Manhã.

A reflexão encontra eco na trajetória de Fabi Bang. Intérprete de Glinda, ela descreve a relação com o musical como algo inseparável da própria vida. Segundo a atriz, os anos dedicados à produção moldaram sua formação artística e pessoal. “O ‘Wicked’ é a minha faculdade de vida. É o que me formou como mulher, como atriz, como atriz empreendedora”, resumi.

Para ela, entretanto, o verdadeiro alcance da obra acontece do outro lado do palco. “É um espetáculo extremamente reflexivo porque mexe em feridas muito profundas, como rejeição, preconceito, domínio abusivo político e também fala da força da amizade feminina. Ele transforma não só



Superprodução entra em cartaz na Cidade das Artes Bibi Ferreira

Muito além de OZ

Musical já consagrado, “Wicked” desembarca no Rio



Elenco principal da montagem brasileira do musical participa de coletiva

quem está no palco, mas principalmente quem está na plateia.”

Mais que fantasia

A dimensão política da obra também é apontada pelo ator Hipólito, responsável por interpretar o príncipe Fiyero. Carioca, nascido em Nova Iguaçu, ele acre-

ditada que a força de “Wicked” está justamente na forma como temas sensíveis aparecem sem perder a delicadeza da narrativa. “Eu acho que a história de Wicked é muito política, ainda que não seja tão explícita. Pelo tema que é abordado, ela já me tocou muito no emocio-

nal desde a primeira leitura, desde a primeira vez que eu entendi o que essa história representava.”

Para o ator, a estreia carioca também carrega um significado pessoal. Depois de construir a carreira fora do estado, voltar para apresentar o espetáculo na cidade

onde nasceu representa uma espécie de reencontro. “Estou maravilhado. É como fazer em casa, para pessoas que estudaram comigo, que já trabalharam comigo. Essa é minha terceira vez na Cidade das Artes e é um lugar que sempre me faz revisitar essa emoção profissional.”

O sentimento de retorno também acompanha o diretor e coreógrafo Ronny Dutra. Nascido em Nilópolis, criado entre São Paulo e Brasília, e que há quinze anos vive em Nova York, ele vê a temporada carioca como um reencontro com suas próprias origens. “Tem algo muito especial em poder estar de volta à minha terra. O Rio tem uma magia de arte muito especial e incandescente. Tem alguma coisa sobre o sangue no olho, o vigor do público carioca, do talento carioca. É contagiante.”

Ao chegar finalmente ao Rio de Janeiro, depois de anos sendo aguardado pelo público carioca, o espetáculo carrega toda a estrutura tecnológica que marcou suas temporadas paulistas, com efeitos de ilusionismo, sistemas de voo e projeções desenvolvidas especialmente para a produção brasileira.

Mas, curiosamente, nenhum desses recursos parece ser apontado pelo elenco como sua principal força. Nas conversas com o Correio da Manhã, todos voltam ao mesmo ponto. Seja falando sobre coragem, amizade, preconceito, identidade, política ou pertencimento, as respostas acabam convergindo para uma ideia simples: por trás das bruxas, da Cidade das Esmeraldas e da fantasia de Oz, “Wicked” continua emocionando porque fala, acima de tudo, sobre pessoas.



A aristocrata vivida por Michelle Pfeiffer com seus olhos de ressaca à espera do amor em 'A Época da Inocência'

Depois de horas... de violência, veio o amor

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Consagrado há 50 anos com uma Palma de Ouro por sua imersão na violência endêmica (“Taxi Driver”) e celebrado nas décadas seguintes por seus estudos sobre a fé (“A Última Tentação de Cristo”, “Kundun” e “Silêncio”), Martin Scorsese fez filmes seminais de máfia (“Os Infiltrados”, “Cassino”, “Os Bons Companheiros”) e ainda filmou a granel a decadência das ruas da América (“Depois de Horas”, “Vivendo no Limite”). Houve um momento de sua carreira, no comecinho da década de 1990, em que ele decidiu flunar por outra praça, a do amor romântico, ao levar aos cinemas o livro “The Age of Innocence”, de Edith Wharton.

Extraíu de Daniel Day-Lewis uma atuação avassaladora no papel de um advogado bifurcado entre dois quereres, vividos por Michelle Pfeiffer e Winona Ryder. Essa faceta ultrarromântica da filmografia do mítico cineasta de Nova York será revistada em tela grande nesta quarta-feira (15), às 18h30, quando a Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) exhibe “A Época da Inocência”.

Essa produção de 1993 que ocupa um lugar singular na carreira de Scorsese. Nele, o diretor

Cinemateca do MAM revisita nesta quarta um raro flerte de Martin Scorsese com tramas românticas, ‘A Época da Inocência’, rodado no início dos anos 1990 e coroado com o Oscar



Registro de bastidor de Scorsese orintando Winona Ryder e Geraldine Chaplin no set de filmagens

(hoje com 83 anos) mergulha nas convenções da aristocracia nova-iorquina do século XIX para construir um drama de paixão, marcado pelo peso das aparências e o rigor das normas sociais.

Adaptado por Scorsese em parceria com Jay Cocks a partir do romance homônimo publicado por Edith Wharton (1862-1937) em 1920, o longa cartografa as angústias de Newland Archer (Day-Lewis), um respeitado advogado da alta sociedade que está prestes a se casar com May Welland (Winona). A condessa Ellen Olenska

(Michelle, em estupenda atuação) vai mexer com seus brios e desejos. Ela é prima de sua noiva, que regressa aos EUA depois de um casamento fracassado na Europa e transforma a vida do sujeito num conflito entre o dever e o querer. Archer descobre em Ellen uma mulher independente e pouco disposta a se submeter aos códigos sociais que regem a elite americana, enquanto percebe que o casamento planejado representa a manutenção de uma ordem da qual jamais havia duvidado.

Scorsese transforma esse triân-

gulo amoroso num estudo sobre repressão emocional. O cineasta substitui explosões de violência por olhares, silêncios e gestos mínimos, revelando um universo em que qualquer transgressão pode significar o banimento social. O refinamento visual da produção, dos figurinos aos cenários e à direção de arte, contribui para dar forma a um mundo de luxo cuja elegância esconde sentimentos intensos e permanentes renúncias.

Winona foi indicada ao Oscar de atriz coadjuvante por sua composição da aparentemente ingê-

nua May Welland. O filme ainda conquistou o Oscar de Melhor Figurino e recebeu indicações nas categorias de Roteiro Adaptado, Direção de Arte e Trilha Sonora Original, além de render a Miriam Margolyes o BAFTA de atriz coadjuvante.

Em sua carreira comercial, “A Época da Inocência” arrecadou cerca de US\$ 68 milhões em todo o mundo e acabou consolidando-se como uma das obras mais elegantes de Scorsese, provando que sua filmografia sempre foi maior do que os retratos da criminalidade que ajudaram a definir sua imagem pública. O cineasta dedicou o longa ao pai, Luciano Charles Scorsese (1913-1993), falecido pouco antes da estreia.

Um outro Scorsese tem corrido o mundo, desde abril. Conhecido como “o filme que deu a Paul Newman seu único Oscar”, “A Cor do Dinheiro” (“The Color Of The Money”, 1986) deu lucro, 40 anos atrás: custou US\$ 14,5 milhões e faturou US\$ 52,2 milhões. Vai faturar mais um troco agora que inicia uma volta ao circuito, na celebração de suas quatro décadas, num regresso que começou via Buenos Aires, na reta final do BAFICI. Há três meses, o festival da Argentina – um dos mais prestigiados da América Latina na atualidade – rendeu-se ao jovem Tom Cruise num embate contra o veterano Newman (morto em 2008, aos 83 anos) numa mesa de sinuca, tendo Scorsese como árbitro – na telona.

Este ano, o realizador já deu as caras, como ator, em “Consequência” (“Outcome”), ao lado de Keanu Reeves. É um filme, centrado na relação entre um ator em crise e seus entes queridos, e está na Apple TV, podendo ser acessado via Prime Video. Além disso, Scorsese teve sua voz usada em “Star Wars: O Mandaloriano e Grogu”, que estreou no dia 22 de maio. Integrou, assim, o universo criado por seu amigo George Lucas.

Até o Natal deste ano, Scorsese deve lançar “What Happens at Night”. Seu elenco tem Jennifer Lawrence, Mads Mikkelsen e o xodó do cineasta, Leonardo DiCaprio. É uma adaptação de um romance de Peter Cameron. Em suas páginas, um casal americano visita uma cidade europeia coberta de neve. Num misterioso hotel, conhecem figuras das mais estranhas: uma cantora cheia dos enigmas, um empresário de índole duvidosa, um curandeiro. A realidade se confunde com o devaneio... e com o pesadelo... naquele espaço.

No próximo dia 23, o MAM abre espaço para o que promete ser um dos eventos do ano no Rio: a retrospectiva do titã lusitano Manoel de Oliveira (1908-2015), com cults como “Francisca”, de 1981, e “Aniki Bobó”, de 1942.

Christopher Nolan, o Midas do IMAX

Livros e revista dissecam a obra do realizador inglês, que depois de ganhar o Oscar com 'Oppenheimer', desbrava a poética de Homero em 'A Odisseia', que estreia nesta quinta

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã



Matt Damon lidera o elenco estelar de 'A Odisseia'

Encarado como o filme que vai redefinir não só os rumos das bilheteiras do ano, como também a maneira de se lançar blockbusters daqui para frente, "A Odisseia" ("The Odyssey") chega com o pé na porta graças ao prestígio de seu realizador, Christopher Nolan, depois da consagração de "Oppenheimer", há três anos. Ele e sua esposa, a produtora Emma Thomas, transformaram sua empresa, a Syncopy Inc., numa grife de excelências tanto dramaturgicamente, quanto econômica, a ponto de desafiar paradigmas do mercado.

A exigência de que as primeiras exhibições para a imprensa dessa versão para as telas do poema de Homero fossem mostradas apenas para a crítica especializada, sem abrir brecha para influenciadores digitais (que se limitam a "curti" ou "não curti"), foi um sinal do posicionamento artístico do casal, que carrega Oscars e receitas milionárias em sua estrada.

A chegada ao circuito do longa-metragem, que tem Matt Damon à frente de um elenco colossais, deflagrou uma corrida entre uma edição especial da prestigiosa revista britânica "Empire", lançada em 2024,



O cavalo de Tróia é um dos elementos que balizam a imersão na saga de Homero

que desbrava o legado do cineasta, filme a filme. É um almanaque (adquirível via bancas especializadas e via www.greatmagazines.co.uk/empire) que devassa todos os segredos do cineasta britânico.

Cada trabalho dele desde "Following" (que venceu o troféu Tiger no Festival de Roterdã, em 1998) é meticulosamente estudado na publicação, que traz entrevistas com colaboradores e textos de fã ilustres, como o diretor canadense Denis Villeneuve (de "Duna").

Ao mesmo tempo em que esse periódico agita a cinefilia inglesa, Nolan volta a provocar as retinas do público pelo mundo afora com o relançamento, em versão IMAX

70mm de seus principais sucessos. O London BFI cobriu cerca de 20 anos de sua carreira com projeções de fenômenos pop com "Inception" ("A Origem", 2010). É a vez de outros circuitos da Europa acolherem essas fitas.

Ao largo desse regresso, a tal edição especial da "Empire" é uma prova de que o mercado editorial quer saber mais sobre o artista que desafiou convenções do cinema transformando episódios da História (vide a batalha de Dunkirk, na II



Cartaz de 'A Odisseia'



'Following' (Seguinte) é o primeiro longa de Nolan, coroado com o Tigre em Roterdã

a Tecnologia Imax". A sessão de autógrafos inclui debate entre ele e o professor Flávio Di Cola.

Savalla é um dos estudiosos mais respeitados da obra de Nolan, que ganhou um mimo de Cannes, em 2018, num evento relacionado a um de seus ídolos, Stanley Kubrick (1928-1999). Naquele ano, logo que o nolaniano "Dunkirk", uma produção de US\$ 100 milhões, virou uma febre mundial, com um faturamento de US\$ 530 milhões, o Midas por trás de "A Odisseia" foi chamado para a seção Rendez-vous da Croisette, para falar de Kubrick, de sua paixão por "2001 – Uma Odisseia no Espaço" (que ajudou a preservar) e para dissecar seu modo



Nolan com a câmera IMAX no set da 'A Odisseia'

de realizar.

“Stanley Kubrick dizia que a melhor maneira de aprender a fazer um filme é... filmar. Foi assim que iniciei o meu trabalho. Realizei ‘Following’ com amigos, o que significava que era preciso fazer tudo sozinho, caso alguém não aparecesse. Para poder justificar exigências rigorosas que a gente se impõe na profissão, você tem de ser capaz de compreender os truques do ofício. O que recomendo aos jovens realizadores é que experimentem de tudo. Isso também evita que fiquem à mercê dos outros. Aliás, em vez disso, experimentando, vocês ficam em pé de igualdade com eles”, disse Nolan, explicando seu apeço por trabalhar com IMAX (formato que utiliza filme horizontal de 70 mm com 15 perfurações, permitindo capturar quase dez vezes mais detalhes visuais, resultando em uma resolução equivalente a até 18K).

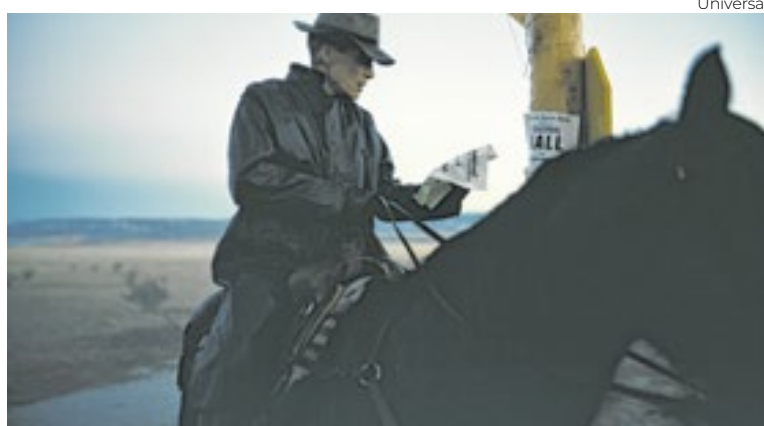
Em Cannes, Nolan explicou: “Tive o meu primeiro contacto com o IMAX através dos documentários que vi em museus quando era adolescente. Achei fascinante e fiquei curioso em saber como aplicá-lo aos meus filmes, devido ao tamanho e ao detalhe da imagem. Utilizei câmaras IMAX para algumas cenas em ‘O Cavaleiro das Trevas’, mas, como a imagem era três vezes maior, não podíamos filmar mais de 90 segundos por bobina. Todas as filmagens dependiam deste fator. Em ‘Dunkirk’, realizei o meu sonho de adolescência ao filmar inteiramente em IMAX”, disse o cineasta, que repete a dose em ‘A Odisseia’.

Também em 2018, a editora Cátedra, da Espanha, editou “Christopher Nolan”, em seu selo Signo e Imagen, sob a autoria de José Arad. Já na França, o legado que ele vem criando desde seu primeiro longa-metragem, “Following” (produção de 1998), inspirou as páginas de “Les Théorèmes de

“O que recomendo aos jovens realizadores é que experimentem de tudo. Isso também evita que fiquem à mercê dos outros. Aliás, em vez disso, experimentando, vocês ficam em pé de igualdade com eles”



‘Dunkirk’, de 2017, foi uma das primeiras aproximações do diretor com o IMAX; abaixo, ‘Oppenheimer’ deu a estatueta hollywoodiana de Melhor Direção a Nolan, em 2024



L’Illusion”, de Guillaume Labrude, e “La Possibilité d’un Monde”, de Timothée Gérardin.

Muito da literatura hoje em voga sobre o diretor investiga seu mal recebido “Tenet” (2020). Na



Capa do livro de Pablo Savalla, um dos estudiosos mais respeitados da obra de Nolan

“Empire” especial, há páginas e páginas sobre ele. Hoje disponível no streaming MAX (ex-HBO), o filme é considerado por muitos o maior enigma do corpus criativo de Nolan, em sua forma de abordar o Tempo num estudo sobre antimatéria. A sequência inicial é um deslumbre, mas muita gente jura não ter entendido a proposta trazida pelo longa, que foi lançado assim que o primeiro lockdown decorrente da covid-19 arrefeceu.

No mercado internacional, um dos títulos mais primorosos sobre Nolan é “Imagining The Impossible”, organizado por Jacqueline Fur-

by e Stuart Joy para a Wallflower Press, no selo Director’s Cut. É uma leitura plural, com articulistas de distintas formações. A maior parte dessa fortuna crítica paga tributo a uma forma única de filmar que se consagrou de vez com “Oppenheimer”, revisando a saga do criador da bomba atômica. Sua receita: US\$ 975 milhões.

No papel, sabe-se que “A Odisseia” acompanha a cruzada de retorno ao lar de Odisseu (que em traduções latinas virou Ulisses), o lendário rei grego de Ítaca. Após a Guerra de Troia, ele tenta voltar para casa, esbarrando com seres míticos como o Ciclope Polifemo, as Sereias e a feiticeira-deusa Circe, enquanto tenta se reunir com sua esposa, Penélope.

“Eu venho de uma escola noir, por conta do interesse do gênero nos conflitos sociais e nas ambiguidades que eles geram no dia a dia. O noir é uma derivação policial do melodrama, que entra em cena, nas telas, para qualificar situações de sentimentos extremos. Por isso, meus personagens se revelam por suas ações mais extremadas. Por isso, eu respeito as paixões que brotam da dimensão sensorial da imagem”, disse Nolan em Cannes.

Só a partir desta quinta, saberemos o que ele fez com Homero usando um orçamento de US\$ 250 milhões. O elenco, além de Damon, também conta com Tom Holland, Anne Hathaway, Zendaya, Lupita Nyong’o, Robert Pattinson, Charlize Theron, John Leguizamo e Jon Bernthal. As filmagens ocorreram entre fevereiro e agosto de 2025, em diversos locais internacionais, incluindo Marrocos, Grécia, Itália, Escócia, Islândia e Saara Ocidental. Com um orçamento estimado em US\$ 250 milhões, o filme é o mais caro da carreira de Nolan. Pode ser o filme do ano. Torcida iniciada por aqui.

Logo que “Oppenheimer” saiu – e se mostrou o esplendoroso – uma postagem no Facebook do cineasta Paul Schrader, diretor de “Fé Corrompida” (2017) e “A Marca da Pantera” (1982), resumiu tudo o que Nolan conseguiu sintetizar ao longo de sua caminhada. Schrader disse: “É o melhor, o mais importante filme deste século”. O superlativo impressionou e até espantou, mas foi compensado por um êxito tamanho GG.

Talvez o que justifique a de Schrader seja justamente o fato de Nolan NÃO ser aquilo que os estúdios hollywoodianos produzem e, sim, um diretor autor que dirige narrativas personalíssimas, de teor filosófico, em forma de espetáculo. Basta dois diálogos de “Oppenheimer” para que toda sua força dramática fique evidente: a) “Genialidade não garante sabedoria”; b) “Vocês procuram o sol, só que o Poder reside nas sombras”.

Quem sabe o que Schrader há de dizer agora? Quem sabe como o público vai embarcar no que pode ser o fenômeno do momento?

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Penélope Cruz em 'O Convite', longa de Olivia Wilde

'O Convite' pode dar Oscar a Penélope Cruz

Penélope Cruz acaba de receber o Astra Midseason Movie Awards na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante por sua atuação em "O Convite" dirigido e protagonizado por Olivia Wilde. Seth Rogen e Edward Norton completam o elenco. O filme, que se consolidou como uma das comédias mais aguardadas do ano, já está em cartaz nos cinemas brasileiros.

A premiação é considerada

um dos primeiros termômetros da corrida ao Oscar e coloca o nome da atriz espanhola entre os destaques da temporada.

Penélope já ganhou um Oscar anteriormente por seu desempenho em "Vicky Cristina Barcelona" (2008), de Woody Allen, e foi indicada à estatueta em outros três trabalhos: "Volver" (2006), "Nine" (2009) e "Mães Paralelas" (2021).

Láureas em Gramado

Falando em cinema, o Festival de Cinema de Gramado anunciou nesta semana, durante evento oficial no Rio, dois novos homenageados de sua 54ª edição, que será realizada entre 12 e 22 de agosto na Serra Gaúcha, com abertura oficial no dia 14. A atriz Andrea Beltrão e a produtora Renata Almeida Magalhães receberão, respectivamente, os troféus Oscarito e Eduardo Abelín durante o festival. Anunciado na semana passada, o ator Marcos Caruso será laureado com o Troféu Cidade de Gramado.

Encruzilhada

O canal Curta! traz ao Brasil, com exclusividade e em estreia mundial, o documentário "lêmen: Na Encruzilhada das Guerras". Com direção de Sylvain Lepetit e Miyuki Aramaki, o filme é um registro urgente de um dos conflitos mais antigos nconturbada região do Oriente Médio.

Encruzilhada II

O doc. investiga as consequências diretas em locais como Gaza e no comércio marítimo mundial, já que o lêmen país se tornou ponto crucial na geopolítica, com o estreito de Bab el-Mandeb se tornado uma opção aos bloqueios em Ormuz. Disponível na plataforma CurtaOn.

Casa Sesc amplia presença na Flip

A Flip está chegando e a Casa Sesc amplia sua programação no evento com uma agenda que reúne alguns dos principais nomes da literatura e do pensamento contemporâneo. Além da já anunciada mesa entre Angela Davis (foto) e Wole Soyinka, o espaço recebe autores como Ana Maria Gonçalves, Socorro Acioli, Cidinha da Silva, Monique Malcher e Muniz Sodré.



Divulgação



Laura Elder/Divulgação

Radicada há quatro anos em solo africano, Sarahysha revela que mudou sua concepção sobre o fazer musical

Memória e resiliência na voz e na pele

Cantora brasileira radicada na África Ocidental, Sarahysha traz ao Brasil pesquisa que une jazz, ritmos vodùn, psicodelia africana diaspórica e performance

AFFONSO NUNES

Sarahysha chega aos palcos brasileiros com "Spiritual Biatch! – Corpo, Memória e Resiliência", projeto que articula afro-jazz, ritmos cerimoniais vodùn, psicodelia africana diaspórica e performance em uma experiência sensorial onde voz, corpo e improvisação são os elementos centrais da criação desta cantora, compositora e performer brasileira radicada no Benin desde 2022.

O trabalho nasce de uma trajetória marcada pelo trânsito entre esses dois territórios. Nascida em São Paulo, Sarahysha passou pelos circuitos underground de jazz paulista, pela noite da Augusta, e depois por experiências musicais no Caribe, França e Ilha de Reunião antes de se radicar no Benin. Esses deslocamentos geográficos e espirituais levaram a artista a aprofundar uma investigação sobre diáspora, feminino, dança e ancestralidade.

No Benin, o contato com músicos locais, ritmos cerimoniais e práticas vodùn transformou sua maneira de compor e cantar. Ela de-

“No Benin entendi que a música também pode ser escrita na pele, na memória, no movimento. A transmissão não está só no papel”

SARAHYSHA

envolveu o que chama de “música manifesta”, um processo em que a música aparece primeiro no corpo, depois ganha forma sonora. Em vez de partir da partitura tradicional, ela trabalha com o conceito de “partitura corporal”, ou seja, a composição surge de sensações físicas, respiração, movimento e escuta interna.

“Minha música não nasce de uma forma pré-definida. Eu escuto os sons por dentro e depois vou es-

culpindo as ondas sonoras”, afirma a artista. “É uma música de reconexão. Não necessariamente religiosa, mas uma música que religa o corpo a algo que está além do visível”, destaca.

Em “Spiritual Biatch!”, percussões tradicionais, baixo, bateria, piano, trompete e voz se encontram em uma formação afro-jazz que reúne músicos do Benin e do Brasil. A proposta articula improvisação, pulsos afro-brasileiros, harmonias contemporâneas e texturas rituais. Sarahysha investiga como memórias ancestrais podem ser ativadas pelo som e como o corpo guarda histórias, símbolos e potências criativas.

“O corpo e o canto são canais. No Benin, entendi com mais força que a música também pode ser escrita na pele, na memória, no movimento. A transmissão não está só no papel. Ela está no corpo”, explica. Nessa perspectiva, Brasil e Benin não aparecem como passado e presente, mas como territórios simultâneos de criação.

Com mais de 185 mil seguidores no TikTok, a artista alcança um público diverso interessado tanto em sua pesquisa estética quanto em sua vivência como brasileira radicada na África Ocidental. O SB LAB – Creative and Cultural Production Studio, laboratório fundado por Sarahysha, articula tradição, contemporaneidade e circulação internacional, com foco em processos que conectam memória corporal, músicas afro-diaspóricas e novas possibilidades de cena. Seu trabalho pode ser conferido em <https://www.youtube.com/c/SarahYsha>.

Um balaio de qualidade

Antonio Adolfo reúne seis décadas de criação musical em seu mais novo álbum

AFFONSO NUNES

Aos 79 anos, Antonio Adolfo continua a beber de uma fonte de criatividade que parece inesgotável. Depois de gravar mais de duas dezenas de álbuns ao longo de uma carreira que ultrapassa seis décadas, o pianista, compositor e arranjador lança agora “Balaio” — uma autobiografia musical em nove movimentos, reunindo composições escritas em diferentes fases de sua trajetória.

O álbum, já disponível nas plataformas digitais, reúne cinco composições autorais e quatro parcerias com Tibério Gaspar, seu colaborador de longa data que faleceu em 2017. “Em muitos aspectos, um álbum também é um balaio. Nele, um músico reúne o que cultivou ao longo do tempo — ideias, memórias e melodias. Cada peça é cuidadosamente colocada dentro, moldada não só pelo momento em que nasceu, mas transportada para o presente com um significado renovado”, comenta o músico.

O título refere-se aos cestos tradicionais tecidos e carregados na cabeça de mulheres de ascendência africana no Nordeste brasileiro — feitos de fibras naturais como cipó e palha, usados para transportar alimentos e mercadorias. Simbolicamente, carregam significado de trabalho, resiliência, ancestralidade e abundância. Na visão de Adolfo, cada álbum funciona assim: um recipiente onde o artista deposita o que acumulou ao longo dos anos.

A jornada começa com “3D Blues”, composta em 1965, quando Adolfo tinha pouco mais de 20 anos. A faixa combina swing, baião e samba-jazz — uma síntese que se tornaria marca registrada de seu trabalho. “Claudia”, parceria com Gaspar, captura o espírito do Rio de Janeiro do final dos

anos 1960, com sua levada relaxada de bossa nova. Nesta versão, o guitarrista estadunidense Thom Rotella entrega um solo marcante.

“San Expedito” nasceu de dois quase acidentes automobilísticos próximos ao lugarejo de Santo Expedito, na via Dutra, quando Adolfo viajava com a família de Miguel Pereira para o Rio. “Sambalaio” funde samba e funk em um groove irresistível.

Escrita em 1980, “Love Will Come” (“Até Que Venha o Amor”) recebeu um arranjo no estilo das quadrilhas juninas. “My Chant” (“Meu Canto”), última

Na visão de Antonio Adolfo, cada álbum funciona como um recipiente no qual o artista deposita o que acumulou ao longo dos anos



Antonio Adolfo, Tony Tornado e Tibério Gaspar, vencedores do Festival Internacional da Canção, em 1970, com ‘BR3-’

O álbum encerra com “Zah Toom Toom”, tema instrumental de 1978 que remete ao som do bumbo no samba-funk dos bailes cariocas — uma mistura contagiante de funk, samba e improvisação que revela um artista em diálogo permanente com as mais variadas linguagens musicais.

Neste trabalho Adolfo é acompanhado por colaboradores de longa data: Lula Galvão (guitarra elétrica e violão), Jorge Helder (baixo acústico), Rafael Barata (bateria e percussão), Jesse Sadoc (trompete e flugelhorn), Danilo Sinna (saxofone alto), Marcelo Martins (saxofone tenor e flauta), Rafael Rocha (trombone) e André Siqueira (percussão). Além de Rotella, o saxofonista Leo Gandelman aparece como convidado especial.

Além de compositor e intérprete, Adolfo é educador. Fundou no Rio um centro musical que leva seu nome. Lá, onde desenvolveu métodos de ensino e publicou livros sobre harmonia, improvisação e linguagem da música popular brasileira. É ainda pioneiro da produção fonográfica independente no país, com seu disco “Feito em Casa” (1977).

Sua carreira reverbera no exterior. Recebeu uma indicação ao Grammy na categoria de Melhor Álbum de Jazz Latino em 2018 por “Híbrido: From Rio to Wayne Shorter” (2017). Seu catálogo inclui mais de 200 composições originais, muitas delas gravadas por artistas como Sergio Mendes, Herb Alpert, Stevie Wonder e Dionne Warwick no exterior, e Regina, Wilson Simonal, Maysa, Emilio Santiago e Evinha no Brasil. “BR-3”, composta em parceria com Gaspar e interpretada por Tony Tornado, um clássico do soul à brasileira, venceu a 5ª edição do Festival Internacional da Canção, em 1970.

composição de Adolfo e Gaspar antes da morte deste último, é um jazz valseado.

“Vision” (“Visão”), de 1968, é uma balada envolvente que acumula uma rica trajetória de gravações. Taiguara, Agostinho dos Santos e o virtuoso da gaita Toots Thielemans (em álbum com Elis Regina gravado na Suécia em 1969) já a interpretaram. “Journey to the Interior” (“Caminhada”), originalmente escrita em 1967 com Gaspar, é um baião com harmonias sofisticadas de jazz que chegou à final do Festival Internacional da Canção de 1967.



Fotografias de Diana Sandes, também feitas exclusivamente para a exposição, abrem o espaço expositivo



A obra 'Fé e festa', de Bea Machado, tem como foco São Benedito, que no sincretismo é Ossain, orixá das folhas. A imagem é cercada de cura: a espinheira-santa e a arruda. E a cachaça como elo de identidade e devoção

Brasilidade a cada gole

AFFONSO NUNES

A cachaça deixou de ser apenas uma bebida para virar símbolo de identidade nacional. A partir desta sexta-feira (17), a Casa Firjan abre suas portas para “O Brasil na Garrafa: identidade, cultura e tecnologia”, exposição que reúne 14 marcas produtoras do Rio de Janeiro e 40 designs de garrafas e rótulos para explorar como o destilado mais antigo das Américas migrou de bebida marginalizada para os mercados mais exigentes do mundo.

A mostra é resultado de uma parceria entre a Casa Firjan e a Associação dos Produtores de Cachaça do Estado do Rio de Janeiro (Apacerj) – Cachaças do Rio. Ela se desdobra em duas seções: um simbólico, outro técnico. Na primeira, sete núcleos exploram a cachaça sob ângulos distintos. Há espaço para gastronomia e coquetelaria, literatura e música, medicina popular, rituais religiosos e festas. Os rótulos ganham destaque como expressão visual e cultural, enquanto as tendências atuais do mercado premium e o protagonismo feminino na indústria completam o percurso. Artistas como Bea Machado, Luisa Macedo e Diana Sandes contribuem com obras e os pesquisadores Doya Moreira Costa, Luiz Antonio Simas e Swanne Almeida e as produtoras Katia Espírito Santo, Luisa Konder e Maria Izabel Couto prestam depoimentos.

A segunda seção mergulha na dimensão técnica e industrial: as etapas de produção nos alambiques ganham protagonismo. Um glossário interativo desafia o visi-

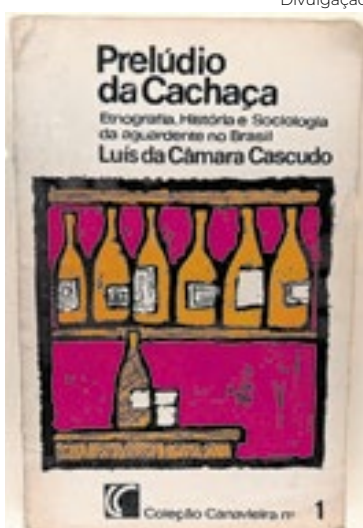
Exposição explora história da cachaça, sua identidade e reinvenção como bebida premium



Quatorze marcas produtoras do estado do Rio de Janeiro estão em destaque na exposição, com o design de 40 garrafas e rótulos.

tante a desvendar termos técnicos da indústria, enquanto um módulo sensorial promete uma imersão que vai além do destilado. O objetivo é valorizar o Rio de Janeiro como “território da cachaça de qualidade”, destacando sua tradição e relevância no cenário nacional.

“Nosso enfoque foi provocar uma visão da cachaça que transcende a ideia de bebida alcoólica, permitindo a qualquer visitante



Obra do historiador Luis da Câmara Cascudo sobre a bebida faz parte da exposição

curioso saber sobre o Brasil, o Rio e como as coisas são produzidas”, explica Maria Isabel Oschery, gerente de Conteúdo e Inovação da Casa Firjan.

A exposição reutiliza e expande uma mostra anterior, “Cachaça, produto exclusivo do Brasil”, que circulou pelo Centro Cultural da Procuradoria-Geral do Rio de Janeiro entre março e junho.

Segundo dados do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) publicados em 2025, o Brasil possui 9.532 marcas e 1.266 estabelecimentos produtores de cachaça registrados. A região sudeste con-

centra 65,4% dessas destilarias — Minas Gerais lidera com 501, seguida por São Paulo (179), Espírito Santo (81) e Rio de Janeiro (67). Apesar de menor em quantidade, o estado fluminense é reconhecido pela qualidade de suas produções, com destilarias espalhadas entre o interior (como em Carmo) e o litoral (como em Paraty).

“A vertente contemporânea de cachaças amplamente premiadas no Brasil e no exterior, seu posicionamento no mercado de destilados premium e na coquetelaria gastronômica, consagram a bebida ao lado dos melhores destilados do mundo”, destaca Kátia Alves Espírito Santo, proprietária da Cachaça da Quinta e presidente da Apacerj.

A cachaça é protegida legalmente como Indicação Geográfica do Brasil, o que significa que sua produção é exclusiva do território nacional — um diferencial que reforça sua posição no mercado global.

A reflete tanto a história profunda da cachaça, enraizada desde os tempos da colonização portuguesa, quanto sua reinvenção contemporânea como produto premium. A exposição convida o visitante a redescobrir uma bebida que é muito mais do que álcool destilado numa garrafa.

SERVIÇO

O BRASIL NA GARRAFA: IDENTIDADE, CULTURA E TECNOLOGIA

Casa Firjan (Av. Getúlio Vargas, 1.300, Cidade Nova)

De 17/7 a 4/10, de terça a sexta (10h às 18h), sábados e domingos (11h às 17h). Consulte o site para feriados
Grátis